

## RECONTANDO A HISTÓRIA NAS LINHAS DO CORDEL: UMA ANÁLISE DE O IMPOSTO DO VINTÉM, DE JOÃO SANT'ANNA DE MARIA, O SANTANINHA<sup>1</sup>

### RETELLING THE STORY IN CORDEL LINES: AN ANALYSIS OF "O IMPOSTO DO VINTÉM", BY JOÃO SANT'ANNA DE MARIA, SANTANINHA

Recebido: 09/04/2025 Aprovado: 19/05/2025 Publicado: 31/07/2025

DOI: 10.18817/rlj.v9i1.4094

Mikeias Cardoso dos Santos<sup>2</sup>  
Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-0857-4960>

Francisco Claudio Alves Marques<sup>3</sup>  
Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-2752-8879>

**Resumo:** Este estudo apresenta, sob a perspectiva do diálogo entre discurso historiográfico e literatura, uma análise do cordel *O imposto do vintém* (1880), de João Sant'Anna de Maria, o

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Vida Social da UNESP de Assis, com pesquisa na área de Literatura Comparada e Estudos Culturais, financiada pela CAPES. Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal PPGLB, da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, campus Bacabal na Área de Concentração Linguagem, Cultura e Discurso com ênfase na Linha de Pesquisa 2 Literatura, Cultura e Fronteiras do Saber. Graduado em Letras Português/Literaturas pela Universidade Estadual do Maranhão, no Centro de Estudos Superiores de Caxias (CESC- UEMA) (2019.1). Atuou como bolsista voluntário nas disciplinas de graduação: Leitura e Produção Textual (2017.2); Morfossintaxe da Língua Latina (2018.1); Sociolinguística (2018.2) e Teoria Literária (2019.1). Trabalhou no Programa Institucional de Bolsa de Extensão (PIBEX) como Projeto de Extensão A literatura de cordel na escola: ler, ouvir e escrever (2017 a 2019) no decorrer do projeto recebeu o Prêmio Jovem Extensionista de Melhor Trabalho (2017) e o Prêmio de Mérito Extensionista (2019) ambos na Jornada de Extensão Universitária (JOEX). Publicação de artigo denominado O cordel: o jornal do sertão nordestino, v. 2, n.2 (2018) pela Revista de Letras Juçara. Publicou capítulos nos livros História e cultura afrodescendente (2018) e Literatura afro-brasileira e africana (2018) no formato e-book. Têm publicação de artigos em Anais e Resumos simples nos eventos de abrangência: nacional, internacional e mundial. Ministra oficinas e minicursos sobre a literatura de cordel em eventos de Letras e áreas afins. Apresenta comunicações orais sobre a poesia de cordel em eventos locais, estaduais, nacionais, internacionais e mundial. Integrante dos Grupo de Pesquisas Cultura Popular e Tradição Oral: Vertentes da UNESP Assis e do Núcleo de Pesquisa em Literatura Maranhense NUPLIM/ CNPq-UEMA. Atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura de Cordel, Jornalismo Popular, Cultura, Memória e Sala de Aula. E-mail: [mikeias.cardoso@unesp.br](mailto:mikeias.cardoso@unesp.br)

<sup>3</sup> Graduação em Letras (Português/Italiano) pela Universidade de São Paulo (2002), Mestrado em Letras (Língua e Literatura Italiana) pela Universidade de São Paulo (2005) e Doutorado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2010). Pós-Doutorado pela Università degli Studi di Roma "La Sapienza" (2015). Coordenador do Grupo de Pesquisa Cultura Popular e Tradição Oral: Vertentes, que busca investigar elementos da cultura popular europeia e africana em diferentes manifestações populares brasileiras: na literatura oral/popular, na Literatura de Cordel, nos modos de dizer, na religiosidade popular, nas festas tradicionais, no teatro, na música etc. Atualmente é professor Livre-docente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, Língua e Literatura Italiana, Literatura Brasileira, Teoria Literária e Literatura Comparada. E-mail: [fransclau@gmail.com](mailto:fransclau@gmail.com)

“Santaninha”, considerado o primeiro poeta-repórter do Brasil. O folheto em questão é inspirado na Revolta do Imposto do Vintém, que aconteceu em 1880, no Rio de Janeiro. A revolta eclodiu depois da cobrança de um imposto de vinte réis (um vintém) sobre o valor das passagens dos bondes e durou de 28 de dezembro de 1879 até 4 de janeiro de 1880. A consequência desse protesto foi dezenas de mortos e feridos pelas ruas da capital do Império. Santaninha versifica o episódio alguns meses depois do levante chegar ao seu final. O arcabouço teórico da análise se constitui de obras referenciais sobre os temas aqui discutidos, com destaque para os estudos de Certeau (1982), Luyten (1992), Viana; Lima (2017) e White (1994). Tendo como suporte essas e outras obras, a análise mostra que, no decorrer do enredo, que está organizado em sextilhas (estrofes com seis versos), evidenciam-se as marcas que caracterizam a poesia-reportagem: a preocupação em registrar os dados referenciais do fato descrito (data, espaço etc.), a contextualização histórica e os desdobramentos do evento narrado, a menção às figuras centrais do movimento. A partir da análise dessa obra, o trabalho apresenta uma reflexão sobre os diálogos entre literatura e discurso historiográfico, com foco no cotejo entre os fatos históricos da Revolta do Vintém e sua representação poética e estética por Santaninha.

**Palavras-chave:** Literatura de cordel; Imposto do Vintém; Santaninha; Poesia-reportagem; História x Literatura.

**Abstract:** This study presents, from the perspective of the dialogue between History and Literature, an analysis of the cordel poem "O imposto do vintém" (1880), by João Sant'Anna de Maria, known as Santaninha, who is considered the first poet-reporter in Brazil. The cordel pamphlet in question is inspired by the "Revolta do Vintém" (Vintém Revolt), which took place in 1880 in Rio de Janeiro, Brazil. This revolt occurred because of a tax of twenty réis (one "vintém") levied on the tram tickets price and lasted from December 28, 1879 to January 4, 1880. The consequence of this protest was dozens of dead and injured people on the streets of the Brazilian Empire's capital. Santaninha examines this episode a few months after the revolt comes to an end. The theoretical base for this analysis consists of reference works on the themes, with an emphasis on the studies of Certeau (1982), Luyten (1992), Viana; Lima (2017) and White (1994). Based on these and other reference works, the analysis shows that, in the plot development, which is organized in sestets (stanzas with six lines), the marks that characterize the poetry-reports are evident: the concern to record the data references of the event (date, space, etc.), the historical contextualization and the unfolding of the events, the mention of the central figures of the movement. After the analysis of this work, this study proposes a reflection on the dialogues between Literature and History, focusing on the comparison between the historical data of the Vintém Revolt and its aesthetic representation by Santaninha.

**Keywords:** Cordel Literature; Vintém Tax; Santaninha; Poetry and Reportage; History x Literature.

## Introdução

A literatura de cordel brasileira, desde suas origens até pelo menos meados do século XX, desempenhou o papel de imprensa popular, atuando como meio de divulgação de acontecimentos sociais de grande impacto, como a Segunda Guerra Mundial e a morte do presidente Getúlio Vargas. Na época em que os jornais chegavam apenas às cidades com estação ferroviária, os cordéis noticiosos supriam a ausência de jornais, atendendo por muito tempo à demanda por informações sobre política, religião, secas no Nordeste e histórias do cangaço.

Analizar a literatura de cordel sob esse aspecto é reafirmar sua forte ligação com um compromisso político-social. Nesse contexto, destaca-se o pioneirismo do poeta e rabequista potiguar João Sant'Anna de Maria, conhecido como Santaninha

(1827-1883?), considerado por estudiosos como Arievaldo Viana e Stélio Torquato Lima (2017) o primeiro poeta-repórter brasileiro. Santaninha produziu cordéis baseados em acontecimentos históricos contemporâneos, como a Guerra do Paraguai, e em fatos vividos pessoalmente, inspirando-se nos jornais da época.

Nesse papel de poeta-repórter, Santaninha moldava os fatos — fossem eles de grande ou pequena repercussão — exercitando a arte da palavra e promovendo um distanciamento da objetividade jornalística convencional. Contudo, nunca abandonou a análise dos acontecimentos a partir dos extratos marginais da sociedade, mantendo uma “opção preferencial pelos pobres”, ou seja, numa perspectiva popular e de crítica social, visão que coloca a literatura de cordel como uma manifestação cultural que não apenas informa, mas também interpreta os fatos históricos e sociais por um viés popular, reforçando seu valor como registro vivo da experiência do povo brasileiro.

O *corpus* deste estudo é constituído pelo cordel *O Imposto do Vintém*, composto por 56 sextilhas e publicado originalmente por João Sant'Anna de Maria, em 1880, inspirado em um fato real: a revolta popular motivada pelo aumento das tarifas dos bondes no Rio de Janeiro. A análise parte do registro integral do poema, disponível nos anexos da obra *Santaninha, um poeta popular na capital do Império* (2017, p. 107-114), dos pesquisadores Arievaldo Viana e Stélio Torquato Lima.

Com vistas ao desenvolvimento da pesquisa, adotou-se como procedimento metodológico a pesquisa do tipo bibliográfica, de caráter analítico e exploratório, além de abordagem qualitativa. Como objetivo central, a pesquisa visa efetuar um cotejo entre os dados históricos da Revolta do Vintém e sua representação poética e estética por Santaninha. Para tanto, o arcabouço teórico contempla várias referências sobre as questões aqui discutidas, merecendo destacar os estudos de Certeau (1982), Luyten (1992), Viana; Lima (2017) e White (1994).

### Breves apontamentos sobre os folhetos noticiosos

A difusão de acontecimentos por meio dos folhetos de cordel foi uma tarefa constante entre os poetas populares até a década de 1950, quando os processos de urbanização conseguiram reduzir as distâncias entre a cidade e o campo. A expansão do rádio e, posteriormente, o advento da televisão tiveram papel decisivo

nesse processo, ampliando gradativamente o acesso às notícias pelos moradores dos lugares mais remotos do sertão.

Conforme ressalta Joseph Luyten em *A notícia na literatura de cordel* (1992), “os ‘folhetos noticiosos’ são aqueles que contêm, ‘de alguma forma, mensagens de cunho informativo do tipo que se aproxima das preocupações da imprensa de massa’” (Luyten, 1992, p. 25). Em outras palavras, a principal finalidade desse tipo de poesia popular é informar as pessoas sobre os acontecimentos que fazem parte da realidade da maior parte da população. Contextualizando essa dinâmica com a imprensa de massa, Marlyse Meyer, em *Autores de cordel* (1980), relata uma situação bastante elucidativa que exemplifica como se constituíam as fontes de informação do sertanejo:

O sertanejo [...] não se contenta com a seca notícia do jornal ou rádio. E disso sabem muito bem os “poetas-repórteres” (é como se intitula um deles, o pernambucano José Soares). O jornalista popular não deve se basear só no fato, do qual pode ter tomado conhecimento pessoalmente, ou pelo jornal ou rádio; ele deve saber também o que diz de tal fato, os rumores, os boatos, as interpretações. De certo modo, o “poeta-repórter” enfeita a notícia, não hesitando em introduzir nela episódios inverossímeis, mas que parecerão verídicos para o público ouvinte ou leitor. Pode também aproveitar-se da notícia para dar seu próprio ponto de vista, satírico ou moralizador. (Meyer, 1980, p.100)

Assim, quando uma notícia divulgada pelo jornal tradicional ou pela rádio não era também veiculada pelos folhetos noticiosos, as pessoas tendiam a não lhe dar o devido crédito, chegando até a duvidar de sua veracidade. Essa desconfiança era especialmente forte entre os moradores das áreas rurais. Nesse contexto, o poeta-repórter assumiu um papel de grande prestígio, especialmente por oferecer aos seus leitores e ouvintes um jornalismo popular, repleto de elementos ficcionais e permeado pela visão particular do poeta cordelista.

O poeta popular, especialmente o poeta-repórter, demonstra um faro apurado para observar e interpretar os fatos que interessam à comunidade em seu entorno. Essa habilidade foi e ainda é, em alguns lugares, fundamental para envolver os leitores de seus cordéis, principalmente no passado, quando era preciso evidenciar a relevância dos temas envolvidos. As informações de repercussão social, assim como os acontecimentos do cotidiano, foram transformadas em versos que criaram uma ponte com a realidade diária das pessoas. Nesse sentido, conforme Santos (2019, p. 45): “É notável que os folhetos noticiosos apresentavam variados assuntos

para a população, assuntos que ocorriam no cotidiano do povo eram versificados pelos poetas-repórteres que não deixavam de transmitir informação pelo país e principalmente pelo sertão do Brasil".

Quando o cordelista compunha um folheto noticioso, ele se preocupava em confeccioná-lo e vendê-lo imediatamente, pois, caso contrário, a informação deixaria de ser atual e de ser comentada. A respeito da informação, Walter Benjamin (1993, p. 204) afirma que ela "só tem valor no momento em que é nova", o que leva o poeta a buscar constantemente novos temas com o objetivo de ampliar o leque de sua produção literária. Em consonância com essa ideia, Luyten (1992, p. 105) ressalta que "uma vez 'esfriado' o assunto, o folheto noticioso cai no esquecimento". Normalmente as tiragens de folhetos jornalísticos são de 1.000 a 2.000 exemplares, um número específico que é rapidamente comercializado pelos próprios autores ou folheteiros. O sucesso nas vendas dos folhetos noticiosos fica evidente quando determinado tema está em debate e permanece vivo na memória popular. Vale destacar, a propósito, que os poetas-repórteres utilizam fontes impressas que auxiliam na elaboração de seus folhetos noticiosos, conforme Luyten (1992, p. 33):

O homem do povo e em especial o poeta popular recolhe suas informações de todos os canais disponíveis. Ainda se utiliza tradicionalmente dos jornais, mas aprendeu rapidamente a deixar-se influenciar pelo rádio e a tevê. E sobretudo nos últimos anos, podemos notar, a partir de suas publicações noticiosas, uma declarada consulta a esses meios.

As informações apresentadas indicam que o poeta-repórter está sempre bem informado sobre os acontecimentos. Um exemplo ilustrativo é Leandro Gomes de Barros (1865-1918), considerado o pai do cordel brasileiro: ao escrever seus folhetos, ele demonstrava grande preocupação em consultar outras fontes para fundamentar ou ilustrar sua escrita. Conforme Viana (2015, p. 62), "[Leandro Gomes de Barros] lia regularmente, além dos livros úteis à sua pesquisa, jornais e revistas (seus folhetos da época mostram que ele era muito bem informado)". Isso revela que o poeta recorreu a matrizes impressas para compor seus cordéis:

É difícil precisar as datas de emissão dos folhetos noticiosos de Leandro Gomes de Barros, assim como a quantidade dos folhetos publicados a cada vez. Sabemos, no entanto, da ampla repercussão sempre alcançada por sua obra, devido ao grande número de distribuidores e às sucessivas

reedições de seus folhetos. Se alguns deles são distribuídos até hoje, é porque há pedidos do povo para que isso aconteça. (Luyten, 1992, p.88)

Leandro Gomes de Barros deixou um número expressivo de folhetos, abordando diversos temas, sendo os folhetos noticiosos uma de suas preferências. Além de defender os interesses dos menos favorecidos, o poeta possuía uma particularidade comum aos poetas-repórteres: a de opinar e interpretar os acontecimentos à sua maneira.

Luyten ressalta que

A Literatura de Cordel, enquanto noticiosa, se preocupa essencialmente com aspectos interpretativos e opinativos e não informativos, pura e simplesmente. Também não se lembra de que nós, habitantes citadinos, não deixamos de ler nossos jornais somente pelo fato de termos informações mais rápidas pelo rádio e até pela tevê. (Luyten, 1992, p. 23).

Conforme esse trecho, o folheto noticioso valoriza principalmente os aspectos interpretativos, distinguindo-se, assim, dos jornais tradicionais, uma vez que o poeta popular não apenas informa, mas também expressa sua opinião sobre os fatos que permeiam seu cotidiano e o de seus leitores. Para a elaboração dos folhetos noticiosos, é fundamental considerar o universo de valores dos seus consumidores e, a esse respeito, Luyten (1992, p. 38) identifica quatro fatores que determinam o valor da notícia e que se aplicam de maneira precisa aos folhetos noticiosos, a saber:

- *Oportunidade*. Embora, para o leitor e ouvinte das *Mass-media*, a atualização seja sumariamente importante, isso nem sempre acontece com o leitor de folhetos. Há naturalmente uma tendência, sobretudo do cordel urbano, para ser o mais atual possível, mas como os folhetos vêm embebidos de opiniões decodificadas, eles frequentemente servem como reafirmação a nível popular, de fatos veiculados anteriormente por outros meios.
- *Proximidade*. Aqui, o Jornalismo Popular em geral, e a Literatura de Cordel Noticiosa em particular, se identificam: muitos acontecimentos irrelevantes para o leitor comum interessam sobremaneira ao homem do povo como pequenos desastres, enchentes, nascimento de animais com duas cabeças e milagres.
- *Tamanho*. Também no cordel, qualquer acontecimento é medido pela sua extensão. Acidentes maiores, incêndios de grandes proporções etc.

- *Importância.* Esta é restrita ao mundo dos leitores/ouvintes. A parte opinativa dos folhetos é muito pertinente em ressaltar esse aspecto.

Os quatro fatores citados contribuem para que o poeta cordelista reveja quais critérios usará para escrever seus folhetos noticiosos, na medida em que essas informações são importantes para alcançar o maior número de leitores, oportunizam a divulgação dos acontecimentos do cotidiano da sociedade e aproximam o cordelista e do seu público de leitores/ouvintes.

Em relação ao sucesso dos folhetos noticiosos que costumavam ser comercializados pelos poetas populares e vendidos na praça, Luyten faz a seguinte indagação:

Se todos fôssemos professores de Português, quem é que cultivaria a língua? Se todos fôssemos críticos de arte, quem é que pintaria? O próprio consumidor de Literatura de Cordel sabe o que deseja ao adquirir determinados tipos de folhetos. Se continua comprando, e de preferência – em muitos casos – os noticiosos, é porque vê neles algum atrativo. (Luyten, 1992, p.81)

Segundo Luyten, os folhetos noticiosos sempre foram bem recepcionados e atraíam um número considerável de leitores. Ao lerem ou ouvirem as narrativas, esses consumidores davam preferência e credibilidade aos textos dos poetas-repórteres que opinavam e comentavam entre um verso e outro. Nessa perspectiva, vale destacar que o motivo que leva os estudiosos a preferirem a nomenclatura “folhetos noticiosos” explica-se pelo fato dessa modalidade literária valorizar a forma peculiar com que o poeta popular critica, opina e interpreta a informação.

### **O Imposto do Vintém: os fatos recontados**

O cordel *O imposto do vintém* trata dos conflitos que culminaram na Revolta do Vintém, que se estenderam de 28 de dezembro de 1879 a 4 de janeiro de 1880, no Rio de Janeiro. O levante popular ocorreu em virtude da Lei de 31 outubro de 1879 que aumentava de 20 réis as passagens nos bondes e trens. O poeta introduz o folheto com esta estrofe:

Vai-te, era de setenta,  
De ti é que o mal nos vem:  
Setenta e sete foi seco,

Setenta e oito também,  
Setenta e nove criou  
O imposto do vintém. (Maria, 2017, p.107)

Como se vê, Santaninha inicia a narrativa fazendo referência a um terrível acontecimento histórico: a seca de 1877, a qual se estendeu até 1879 e afetou vários estados do Nordeste. Esse fenômeno climático, a propósito, veio a ser tema de outro cordel do autor, *A seca do Ceará*. Enquanto nordestino, Santaninha conhecia de perto o drama que a seca representava. A partir daí, entende-se o porquê de ele ter julgado terríveis os acontecimentos em torno da Revolta do Vintém, chegando inclusive a colocar o evento histórico no mesmo patamar de gravidade das secas nordestinas.

Para que se compreenda melhor a força dessa comparação, é fundamental destacar algumas das principais ideias de Bakhtin sobre a construção ideológica no interior da camada textual.

Segundo Bakhtin (2010, p. 86), o anunculado surge significativo em um determinado momento social e histórico e está sempre conectado a numerosos fios dialógicos, tecidos pela consciência ideológica em torno do objeto de enunciação. Isso significa que o enunciado não é isolado, mas um participante ativo do diálogo social, emergindo como prolongamento e resposta desse diálogo. Ainda segundo o teórico russo, o enunciado está enraizado em um contexto social e histórico específico, e nasce a partir de outras situações semelhantes, mantendo um diálogo com elas. Dessa forma, ao lembrar a seca, o poeta nordestino estabelece um vínculo significativo com a Revolta do Vintém, conferindo à estrofe inicial do poema uma carga simbólica intensa. Ao cruzar esses dois eventos históricos dramáticos, a voz poética os equipara, criando uma conexão profunda entre eles.

Além disso, sobre o trabalho do poeta com a linguagem, Bakhtin destaca que “o poeta desembaraça as palavras das intenções de outrem, utiliza somente certas palavras e formas e emprega-as de tal modo que elas perdem sua ligação com certos estratos intencionais de dados contextos da linguagem” (Bakhtin, 2010, p. 103). Isso indica que o poeta seleciona palavras e formas específicas, empregando-as com seu olhar e contexto próprio, despojando-as dos significados intencionais originários em outros contextos. Assim, a produção literária passa a expressar o entendimento e a visão de mundo do poeta, conferindo singularidade à sua linguagem, mostrando, como observa Bakhtin, o enunciado é uma característica

socialmente inserida e dialogicamente constituída, e que o poeta ao manipular uma linguagem cria novos sentidos, desprendidos de outros contextos, expressando uma visão própria do mundo.

Na continuidade do cordel, Santaninha apresenta a personagem central da narrativa: José Lopes da Silva Trovão (1848-1925), figura histórica, que foi médico e jornalista republicano. Ele é mostrado como líder do levante de cunho popular contra o imposto do vintém:

O Dr. Lopes Trovão  
Fez algumas conferências,  
Abrindo os olhos do povo,  
Como homem de ciências,  
Dizendo que aquele imposto  
Era uma horrível imprudência. (Maria, 2017, p.107)

Considerando a perspectiva popular a partir de como o autor desenvolve sua obra, pode-se afirmar que, pelo menos em um primeiro momento, um personagem é apresentado de forma positiva, representando um defensor e porta-voz do povo. No entanto, essa imagem será modificada ao longo do desenvolvimento do texto.

Apesar das diferenças inerentes ao gênero poético, o cordel compartilha alguns aspectos com o romance histórico, que, segundo Weinhardt (1994, p. 51), “não busca repetir o relato dos grandes acontecimentos, mas ressuscitar poeticamente os seres humanos que viveram essa experiência”. Nesse sentido, para Santaninha, o que importa vai além da figura histórica do Dr. Trovão: é a imagem que ele imprime no imaginário popular. Por isso, ele é inicialmente retratado como um herói, descrito como alguém que atuou de forma destacada nos protestos contra o aumento do imposto. Consequentemente, seus opositores surgem como antagonistas nessa narrativa:

No primeiro de janeiro  
De oitenta, notem bem,  
Houve no Rio de Janeiro  
Um roubo entre homens de bem,  
Para não pagar ao Governo  
O imposto do vintém. (Maria, 2017, p.108)

O poeta anuncia e convoca o povo, afirmando que o “[...] primeiro de janeiro / De oitenta” ficou marcado na história como o dia da cobrança do Imposto do Vintém aos menos favorecidos, que eram obrigados a pagar essa taxa excessiva caso

desejassem usar o bonde, episódio que ele denomina como o dia em que ocorreu “Um roubo entre homens de bem”.

Ao criticar o imposto cobrado pelo governo sobre o transporte, o poeta o denuncia como um roubo contra aqueles que diariamente necessitam embarcar nos bondes para trabalhar. Santaninha faz, portanto, uma crítica social ao defender a ideia de que as pessoas de bem são aquelas que se recusavam a pagar o imposto, enquanto as pessoas más, representadas pelo governo, eram as que o arrecadavam — uma visão construída pelo poeta popular.

Para aprofundar a reflexão sobre o governo da época, é importante destacar as seguintes palavras de Sharpe (1992, p. 40):

Tradicionalmente, a história tem sido encarada, desde os tempos clássicos, como um relato dos feitos dos grandes. O interesse na história social e econômica mais ampla desenvolveu-se no século dezenove, mas o principal tema da história continuou sendo a revelação das opiniões políticas da elite.

De acordo com Sharpe, a história sempre foi moldada para atender a interesses particulares, especialmente os da política e da elite, haja vista que, no caso do Imposto do Vintém, as opiniões dos poderosos prevaleceram e eram consideradas como as únicas válidas. Relacionando essa ideia ao cordel de Santaninha, o Imposto do Vintém tinha que ser pago, e a opinião do povo era ignorada pelos políticos, que se julgavam no direito de agir conforme seus próprios interesses, independentemente da vontade popular.

No cordel analisado, o poeta destaca um problema social e histórico instigante, ao buscar, a todo custo, o apoio das pessoas para rejeitarem o pagamento do imposto e retirarem a justificativa para sua cobrança. Nesse processo, a voz poética valoriza a perspectiva do povo, retratando-o como protagonista do acontecimento histórico:

Dizia o povo: “Embarquemos?”  
Diziam os condutores: “Quem?”  
Diziam o povo: “Todos nós  
Pra onde bem nos convém.”  
“Só embarcam se pagarem  
O imposto do vintém.” (Maria, 2017, p.108)

No trecho acima, observa-se que o poeta se dedica a retratar a dura realidade enfrentada pelos passageiros ao tentarem embarcar nos bondes: o povo precisava

do transporte para ir ao trabalho, mas essa necessidade não era suficiente. Nesse cenário, os condutores, embora também pobres, são apresentados como agentes do sistema, que oprimem as camadas populares. Eles representam a primeira barreira que reprime a vontade do povo, impedindo o embarque daqueles que não tinham condições ou que, por discordarem da imposição política, se recusavam a pagar o imposto cobrado.

Essa discussão apresentada no cordel se relaciona com os aspectos destacados por Sharpe (1992, p. 41):

Essa perspectiva atraiu de imediato aqueles historiadores ansiosos por ampliar os limites de sua disciplina, abrir novas áreas de pesquisa e, acima de tudo, explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja existência é tão frequentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história.

Assim, em uma época em que o discurso historiográfico se encontrava diretamente relacionado aos interesses das elites e dos grupos políticos, surge uma nova abordagem narrativa: a História vista por baixo. Essa perspectiva se esforçou para destacar personagens que participaram de eventos importantes de nossa história, mas que foram pouco valorizados pelas versões oficiais, controladas pelos poderosos, que não tinham interesse em promover essas figuras ilustradas.

No cordel analisado, Santaninha assume o papel de divulgar a voz daqueles que ficam à margem da sociedade e que possuem o direito legítimo de se manifestarem contra essas omissões. No poema, Santaninha busca resgatar e dar voz àqueles esquecidos pela História, desejando que eles recuperem seu lugar merecido:

Gritava o Assis Drummond,  
Diretor que os bondes tem:  
“E o de Vila-Isabel;  
Não lhe dá jeito a ninguém,  
Pagam até a chicote  
O imposto do vintém.” (Maria, 2017, p.109)

No trecho apresentado, observa-se que o poeta menciona outro personagem integrante do enredo, chamado Assis Drummond, cujo nome verdadeiro é Afonso Celso de Assis Figueiredo — então Ministro da Fazenda e considerado um adversário dos interesses populares. O poeta também faz referência a um dos

bondes que circulavam na cidade do Rio de Janeiro, o de Vila-Isabel, destacando que a cobrança do imposto era rigorosa, a ponto de “pagarem até a chicote”, ou seja, o tributo era exigido de forma violenta, e quem não pagava enfrentava severas punições. Conforme o poeta, Assis foi agredido e quase morreu pelas mãos do povo que se opunha ao imposto do vintém.

Expressando uma opinião que em muitos aspectos dialoga com o nosso cordel analisado, Tuck (1992) esclarece que o pensamento político americano “era obviamente de alguma importância prática”, pois a cidadania não poderia simplesmente “colher seus valores do ar, ao acaso”, nem derivá-los de “uma dedução transcendente”. Segundo ele, o objetivo principal do estudo da história do pensamento político, como enfatizado repetidamente nos manuais, era oferecer ao leitor — geralmente um estudante americano e futuro cidadão — “um conjunto de possíveis atitudes políticas que ele próprio não teria sido capaz de gerar (elas eram o trabalho de ‘gênios’), mas às quais poderiam reagir e fazer sua escolha de uma maneira equilibrada e bem orientada” (Tuck, 1992, p. 281).

Assim, o pensamento político, sistematizado conforme os moldes americanos, ensinava valores políticos de forma acadêmica, e não por acaso, possibilitava ao indivíduo realizar escolhas em conformidade com os paradigmas por esses impostos. Esse tema é no central no cordel de Santinha, que aborda a cobrança do imposto pelo governo, representado pelo ministro da Fazenda Assis Figueiredo, figura antagonista aos interesses do povo, autoritária na imposição da cobrança. Em relação a esse pensamento político frequentemente adverso ao povo, Sharpe se posiciona sobre quem realmente escreve a verdadeira história vista de baixo:

Aqueles que escrevem a história vista de baixo não apenas proporcionaram um campo de trabalho que nos permite conhecer mais sobre o passado: também tornaram claro que existe muito mais, que grande parte de seus segredos, que poderiam ser conhecidos, ainda estão encobertos por evidências inexploradas. (Sharpe, 1992, p.62)

Com base nesse entendimento, pode-se compreender que a “história vista de baixo” alargou os estudos históricos e literários quanto a questões que antes não eram consideradas, posto marcar aspectos ligadas à cosmovisão das classes menos favorecidas, que primordialmente foram alijadas em detrimento dos estudos centrados em figuras representativas da classe dominante. Foi assim que, desenvolvendo-se à margem do sistema hegemônico, a literatura popular conseguiu

difundir uma visão de mundo em muitos aspectos opostos à da cultura oficial, espelhando um olhar para a sociedade a partir das margens. Heróis populares, por exemplo, muitas vezes são pejorativamente representados na cultura oficial, como se vê em figuras como Lampião e Antônio Conselheiro, entre outras.

No folheto de Santaninha em análise, as pessoas brigam para não pagar o imposto do vintém, e consequentemente, eram mortas nas ruas do Rio de Janeiro, sendo que na maioria das vezes, os ferimentos eram ocasionados por pedras, ferros e paus utilizados pelas pessoas para se defenderem dos oressores governamentais. Como as pessoas não possuíam armas mais potentes para se defenderem, improvisavam seus instrumentos de defesa. De que maneira esses acontecimentos foram narrados pela historiografia oficial. Contados à maneira de Santaninha, será que permanecem apenas nos escritos em cordel, ou melhor, por aqueles que participaram desse evento histórico e de tantos outros?

Em um dos trechos do cordel em estudo, observa-se que o poeta menciona um “comerciante” que era obrigado a não comercializar armas para a população. Na passagem, é informado que “a população queria se defender.” Todavia, “as armas não eram comercializadas para o povo, pois o governo não autorizava a venda,” e por conta disso “o povo estava zangado com o que estava acontecendo,” tendo até tentado explicar o motivo do uso das armas, mas não conseguiu êxito na petição enviada ao governo. Em resposta à desobediência da população em relação ao imposto, as tropas do governo faziam fogos e matanças de pessoas brasileiras e até estrangeiras que somente queriam o direito de usar o bonde. Consequentemente, muitas famílias ficaram órfãs por lutarem bravamente contra o imposto do vintém:

Laport foi proibido  
Pra revólver não vender,  
O povo estava zangado,  
Disseram a razão por que:  
Um botou fogo nas portas,  
Fez com querosene arder. (Maria, 2017, p.110)

O receio de se tornar mais uma entre as vítimas do governo impiedoso levou muitos líderes a mostrar a verdadeira face: a da covardia. Daí que a voz poética não perdoa Lopes Trovão quando este, fugindo às suas responsabilidades, deixa vergonhosamente o campo de batalha:

Quando houve o pega-pega  
Nestas gentes pequeninas,  
O Dr. Lopes Trovão  
Correu com as pernas finas.  
Foi ter mão na Praia Grande  
Sem não molhar as botinas.

Nas ruas de outra banda,  
Uma dona perguntou,  
Vendo ele olhando pra cima:  
“O que caça, Sr. doutor?”  
“Eu estou caçando o letreiro  
Da Rua do Ouvidor.”

A dona lhe respondeu:  
“Só quem chegou de Fernandes!  
Isto aqui é Niterói,  
Se quer tomar café, ande.  
Sr. Doutor, não está na Corte,  
Nós estamos na Praia Grande.”

O doutor lhe respondeu:  
“O quê? Dona, é possível?  
Há pouco eu saí de casa  
Oh! Que aviação terrível  
Não me lembro que embarcasse  
Acho isto impossível.” (Maria, 2017, p.111-112)

O retrato de Trovão, portanto, muda radicalmente no cordel em análise: de herói, passa a ser mostrado como fanfarrão; de audaz líder popular, a um covarde. Nesse processo, o retrato da personagem neste texto de Santinha termina por se aproximar da imagem pejorativa de Trovão evidenciada no discurso historiográfico oficial e, portanto, elitista. Exemplo dessa forma como a personagem era vista pela classe dominante econômica, política e intelectualmente é o seguinte comentário de Mello Moraes Filho em sua obra *Fatos e Memórias* (1904) citado por Viana e Lima (2017, p. 81-82):

Não cabendo aqui entrar em comentários sobre a irritação de ânimos nessa ocasião, é todavia indispensável adiantar que, precedendo ao rumoroso conflito travado entre a capangagem policial, a tropa e bandos oposicionistas, tomou desassombrada atitude o proclamado tribuno dr. Lopes Trovão, capitaneando um troço de exaltados até o largo do Paço, onde arengou à populaçā. De encontro em encontro com os companheiros alarmados, com pelotões de soldados de polícia e de linha, que aviventavam distúrbios na rua da Uruguaiana, na rua do Ouvidor e no Largo de São Francisco de Paula, o famoso agitador manifestou-se impávido até o momento crítico em que a ausência do corpo é preferível à presença de espírito.

A despeito disso, cabe ressaltar que Santinha manteve-se fiel à perspectiva

que regia sua produção literária: a das margens. Desconstruir um líder popular, nesse contexto, se justifica em sua obra apenas pela tentativa por parte da personagem de negar sua condição de porta-voz do povo, ação motivada marcadamente pela covardia, uma vez que se sentiu ameaçado pelas forças que combatia.

### **O Imposto do Vintém: os fatos nos compêndios escolares e no imaginário popular**

Santaninha cita no poema em análise alguns locais do Rio de Janeiro do período imperial português, quando a cidade foi capital do Brasil de 1763 até 1960, como Uruguaiana, Rua do Ouvidor e Largo de São Francisco de Paula, espaços que carregam as histórias das pessoas que participaram desse evento específico, o qual inspirou o talentoso poeta a criar o cordel em estudo.

Conforme White (1994, p. 35),

A teoria tropológica do discurso nos ajuda a entender de que maneira a fala serve de mediadora entre essas supostas oposições, da mesma forma que o próprio discurso serve de mediador entre a nossa apreensão desses aspectos da experiência que ainda nos são “estranhos” e os aspectos dela que “compreendemos” porque encontramos uma ordem de palavras adequada à sua familiarização.

De acordo com o trecho citado, a teoria tropológica do discurso tem a intenção de mediar as falas e os discursos para uma melhor compreensão dos aspectos “estranhos”, para assim estudar e entender como acontece o processo de familiarização das palavras presentes na construção para assim gerar o significado. Nesse sentido, é importante destacar que o poeta Santaninha teve como motivação para construir seus textos da perspectiva da camada mais pobre da população, porque tinha parâmetros para isso. Assim, como indivíduo que sofria na pele as vicissitudes próprias de um artista popular, ele sabia como as decisões governamentais comumente resultavam na piora das condições de vida das classes sociais menos favorecidas economicamente. Por isso, procurou modular seu discurso de forma que seu público leitor, formado quase que hegemonicamente por pessoas do povo, compreendesse sua mensagem sem dificuldades.

De acordo com o que defendia Lopes Trovão, cada ação do governo contra os direitos do povo estava atrelada à defesa dos interesses da classe social mais

abastada. Dessa forma, para além da luta contra o aumento das passagens dos bondes, existia uma luta contra a burguesia, que tradicionalmente oprimia o povo:

O Dr. Lopes Trovão  
Quase vai preso também.  
Por ser quem gritava ao povo  
Com toda a força que tem:  
“Antes morrer tudo em guerra  
Do que pagar o vintém.” (Maria, 2017, p.111)

Lopes Trovão era um homem íntegro que se posicionava contra o pagamento do imposto, pois acreditava que essa cobrança era arbitrária. Nesse cenário, ao criticar tanto o discurso quanto à prática politiqueira, ele destacou que, no fim das contas, o ônus das decisões governamentais sempre recaia sobre o povo. Por sua coragem e firmeza, Trovão chegou quase a ser preso, mas a força da vontade popular impediu que isso ocorresse. O povo apoiava o doutor Lopes, cuja filosofia era marcante, refletida na frase: “Antes morrer tudo em guerra / Do que pagar o vintém”. O jornalista Trovão defende com veemência e até a morte o direito do povo de não pagar o imposto pela classe burguesa.

O Monarca pedira prazo  
Dos dias que convém,  
A fim de fazer consulta  
Com os ministros que tem,  
Pra ver se cobrava ou não,  
O imposto do vintém... (Maria, 2017, p.112)

Também:

A dezoito de janeiro,  
Houve um desastre também  
Na via-férrea do Rio  
Que a S. Paulo, vai e vem.  
Desencarrilhou do trilho  
Pela causa do vintém. (Maria, 2017, p.112)

O ministro da Fazenda, Assis Drummond, havia percebido que o movimento contrário ao imposto estava ganhando força e sentindo a necessidade de agir para reverter essa situação. Por isso, decidiu se reunir com os demais ministros da corte portuguesa para decidir qual posição tomar: cobrar ou não o imposto. Em seguida, o poeta narra um trágico acidente ocorrido na linha férrea entre Rio de Janeiro e São Paulo, “A dezoito de janeiro”, que, segundo ele, foi causado pela cobrança do

imposto do vintém. O poeta busca as razões que motivaram o acontecimento, acreditando que, ao fazer isso, poderia convencer as autoridades sobre a cobrança indevida do tributo.

Sobre o cordel, White destaca o seguinte em relação ao discurso como gênero e à forma adequada de análise:

Considerando um gênero, então, deve o discurso ser analisado em três níveis: no da descrição (mimese) dos “dados” encontrado no campo da investigação que está sendo demarcado ou designado para a análise; no do argumento ou narrativa (diegese), que corre paralelamente à matéria narrativa ou se entremeia com ela; e naquele em que se realiza a combinação desses dois níveis anteriores (diataxe). (White, 1994, p.116)

Levando em conta esse entendimento, pode-se perceber que o cordel em estudo apresenta um pouco da mimese e da verossimilhança. Nesse processo, além de meramente expor elementos históricos, a obra permite ao leitor perceber os fios discursos que colidem a partir dos conflitos de classe inerentes aos acontecimentos que compõem o enredo do texto em foco. Esse fator pode ser explicado a partir do entendimento de que, “se reconhecessemos o elemento literário ou fictício de todo relato histórico, seríamos capazes de conduzir o ensino da historiografia a um nível de autoconsciência mais elevado do que o que ela ocupa nos dias de hoje.” (White, 1994, p.116)

O texto literário tem mais abrangência, pois, ao utilizar os recursos linguístico-expressivos, o poeta consegue relatar, ao seu modo, os acontecimentos históricos, sem perder de vista a veracidade dos fatos. Nessa perspectiva, diante da situação ocasionada pela luta incessante do não pagamento do imposto, o Ministro da Fazenda, Afonso Celso de Assis Figueiredo e o Presidente de Conselho de Estado, João Lins Vieira Cansanção de Sinimbu não têm como recuarem e mandam noticiar o seguinte:

O ministro da Fazenda,  
Vendo que não estava bem,  
Mandou botar no Jornal  
Que não pagasse ninguém;  
Só pagasse quem quisesse  
O imposto do vintém. (Maria, 2017, p.114)

O texto acima notifica o desejo e anseio do povo à não obrigatoriedade no pagamento do Imposto do Vintém. O Ministro da Fazenda, “Vendo que não estava bem,”, e que, dessa forma, não conseguia conter a luta popular, decide divulgar,

em jornal, a notícia esperada pelo povo, pois, na época, esse era o meio de chegar mais rápida o acontecimento histórico.

Nos versos a seguir Santaninha usa seu dom poético para expressar o anseio do povo. No trecho, o autor versifica o dia, mês e ano que ficará registrada na memória do povo o cancelamento do Imposto do Vintém:

No dia três de setembro  
De oitenta, notem bem,  
Saiu o Jornal dizendo  
Que não se pague o vintém,  
Nem no mar e nem na terra,  
Nem nos bondes, nem no trem. (Maria, 2017, p.114)

O poeta Santaninha noticia que “No dia três de setembro / De oitenta, notem bem,” ficou conhecido como o dia de libertação dos homens de bem contra o Imposto do Vintém, que em nenhum lugar esse imposto será cobrado “nem no mar”, “nem na terra”, “nem nos bondes” e “nem no trem”, sendo assim a partir de então ficará somente na lembrança e na memória de quem presenciou e viveu esse momento histórico.

Em relação à história e à ficção, White apresenta a seguinte distinção:

A distinção mais antiga entre ficção e história, na qual a ficção é concebida com a representação do imaginável e a história como a representação do verdadeiro, deve dar lugar ao reconhecimento de que só podemos conhecer o *real* comparando-o ou equiparando-o *imaginável*.” (White, 1994, p.115)

Sobre o cordel, entendido como discurso, White destaca que este, o discurso, deve ser analisado em três níveis: na descrição (mimese) dos “dados” encontrados no campo da investigação demarcado para a análise; no do argumento ou narrativa (diegese), que corre paralelamente ou se entremeia à matéria narrativa; e no nível em que ocorre a combinação desses dois anteriores (diataxe). (White, 1994, p.116).

Segundo White (1994), a ficção é invariavelmente associada ao imaginário, enquanto tudo que é apresentado pela história tradicional é identificado como factual, como “verdadeiro”. Não obstante, aprende-se que tanto a história quanto a ficção relativizam tanto as verdades como as mentiras. Nessa perspectiva, o historiador pode lançar mão da imaginação para melhor compreender o real, ao passo que a realidade é sempre uma referência para o desenvolvimento da ficção.

Para além disso, a mentira ficcional pode ser apenas uma estratégia, ainda que irônica, para uma melhor compreensão do real. No âmbito dessa discussão, Calvino observa que,

[...] sem inversão, os inúmeros autores que, remetendo-se a um autor precedente, reescreveram ou interpretaram uma história mítica ou de todo modo tradicional, fizeram-no para comunicar alguma coisa nova, ainda que permanecendo fiéis à imagem da tradição, e, para todos eles, no eu do sujeito escrevente pode-se distinguir um ou mais níveis de realidade subjetiva individual e um ou mais níveis de realidade mítica ou épica, que tiram a matéria do imaginário coletivo. (Calvino, 2009, p.7)

A história tradicional é recontada, reescrita e interpretada por diferentes autores que buscam narrar um fato a partir de seu conhecimento de mundo. Superada a visão positivista que defende o papel “neutro” do historiador, tornou-se cada vez mais evidente a ligação das narrativas historiográficas com os interesses de classe. Além disso, é importante lembrar que uma ideologia nem sempre se manifesta de forma consciente, sendo muitas vezes resultado da formação do próprio historiador.

Para Certeau (2202, p. 71),

Impossível analisar o discurso histórico independentemente da instituição em função do qual ele se organiza silenciosamente; ou sonhar com uma renovação da disciplina, assegurada pela única e exclusiva modificação de seus conceitos, sem que intervenha uma transformação das situações assentadas.

No discurso histórico, os documentos oficiais são analisados com o intuito de respaldar o trabalho historiográfico, pois apresenta vestígios comprobatórios que dão sustentação ao que se pretende conhecer e estudar.

O folheto do *Imposto do Vintém*, portanto, apresenta um discurso literário pautado pelo olhar poético popular de João Sant'Anna de Maria. Como foi visto, a Revolta foi descrita no poema de cordel, mas baseado no que foi observado, vivenciado e julgado pelo poeta como importante para ser apresentado no folheto em questão. Dessa forma, evidencia-se o esforço do poeta em fazer do cordel não apenas um meio de relatar fatos, mas, principalmente, de interpretá-los à luz do interesse popular. Nesse processo, sua reescrita do acontecido torna, sobretudo, um meio de dar expressão a uma crítica social contra o governo que estava abusando dos direitos do povo. O poeta cumpriu com tanta galhardia o seu papel, deixando

para os historiadores interessados em uma “História das mentalidades” uma fonte que registra a forma como os fatos ficaram impressos no imaginário popular.

## Considerações finais

No Nordeste brasileiro, durante décadas, o poema-reportagem foi utilizado como um importante veículo de comunicação popular, divulgando acontecimentos históricos sempre a partir de uma interpretação guiada pelo olhar marcadamente popular dos poetas. Nesse processo, os fatos chegavam já vinculados ao cotidiano dos leitores, geralmente pessoas marginalizadas na sociedade. Nesse contexto, os chamados poetas-repórteres assumiram um papel fundamental, especialmente nas regiões mais remotas da região, onde o acesso ao jornal era algo raro.

O poeta cordelista João Sant'Anna de Maria, conhecido como “O Santaninha” e considerado o primeiro poeta-repórter do Brasil, foi um grande facilitador da comunicação popular. Embora não seguisse rigorosamente a métrica, já que na época não havia uma norma fixa para versificar a poesia de cordel como existe atualmente, Santaninha viveu em um período crucial da história, quando o Brasil ainda pertencia à Coroa Portuguesa. Ele chegou a ser citado pelos jornais da época, que divulgou seus trabalhos e suas apresentações. Santaninha antecedeu importantes cordelistas, como Leandro Gomes de Barros, Silvino Pirauá de Lima e João Martins de Athayde.

O cordel *O imposto do vintém*, como aqui evidenciado, demonstra claramente como os poetas populares interpretavam os fatos históricos, ajudando os consumidores do gênero, entre o final do século XIX e início do XX, a compreender os sentidos mais profundos dos eventos de impacto social. Em outras palavras, o poeta popular não apenas apresentava o acontecimento histórico, mas também exercia sua função de comunicador popular, que era e ainda é, criticar, opinar e interpretar a informação.

Retomando o pensamento de Marilene Weinhardt, para quem “O bom romance histórico resultado da compreensão do relacionamento entre o passado histórico e o tempo presente” (Weinhardt, 1994, p.52), percebe-se que Santaninha, não só foi pioneiro da poesia-reportagem no país, mas também mestre em relacionar os fatos históricos com o cotidiano de seus leitores, interpretando-os em favor de uma pedagogia da consciência das massas.

## Referências

- Bakhtin, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 2010.
- Benjamin, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1993 (Obras Escolhidas, vol. 1).
- Calvino, Italo. *Assunto encerrado: discursos sobre literatura e sociedade*. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- Certeau, Michel de. *A escrita da História*. Trad. Ephraim F. Alves. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- Luyten, Joseph Maria. *A notícia na literatura de cordel*. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.
- Maria, João Sant'Anna de. Imposto do vintém. In: Viana, Arievaldo; Lima, Stélio Torquato. *Santaninha, um poeta popular na capital do Império*. Fortaleza: IMEP, 2017. p. 107-114. A obra original foi publicada em 1880.
- Meyer, Marlyse. *Autores de cordel*. São Paulo: Abril Educação, 1980.
- Santos, Mikeias Cardoso dos. *A literatura de cordel e o gênero jornalístico na perspectiva da linguagem escrita*. 2019. 71 folhas. Monografia (Graduação em Letras). Centro de Estudos Superiores de Caxias, da Universidade Estadual do Maranhão. Caxias. 2019.
- Sharpe, Jim. A História vista de baixo. In: Burke, Peter (Org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Ed. Unesp, 1992. p. 39-62.
- Tuck, Richard. (1992) História do pensamento político. In: Burke, Peter (Org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Ed. Unesp, 1992. p. 273-289.
- Viana, Arievaldo. *Leandro Gomes de Barros: vida e obra*. Mossoró-RN: Queima-Bucha, 2015.
- Viana, Arievaldo; LIMA, Stélio Torquato. *Santaninha: um poeta popular na capital do Império*. Fortaleza: IMEP, 2017.
- Weinhardt, Marilene. Considerações sobre o romance histórico. *Letras*, Curitiba, n. 43, UFPR, 1994, p. 49-59.
- White, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Edusp, 1994.